

# **AS NOVAS TEORIAS DA ALFABETIZAÇÃO NAS SERIES INICIAIS E A REALIDADE COTIDIANA NAS ESCOLAS: UM ESTUDO DE CASO**

Ana Cláudia Jacinto Peixoto de Medeiros

Universidade Federal de Ouro Preto, email: anaclaudiaufu@yahoo.com.br

Walteno Martins. Parreira Júnior

ISEPI – UEMG / Uniminas, email: waltenomartins@yahoo.com

## **RESUMO**

O presente artigo faz uma análise do processo de alfabetização que tem se estabelecido nas escolas públicas tomando por base uma escola da rede municipal de Uberlândia. Trata-se de um estudo de caso no qual procurou-se identificar a relação que os professores das séries iniciais estabelecem entre teoria e prática no trabalho com turmas de alfabetização. Além disso, também procurou-se identificar a relação entre a linguagem da escola e cotidiano do aluno. Ao final descobrimos que na escola em questão, o processo de alfabetização tem se desenvolvido de maneira a desconsiderar o conhecimento prévio que os alunos trazem de sua realidade social e que os professores não tem estimulado do desenvolvimento da autonomia no educando, fator importante para a formação de sujeitos da aprendizagem, num processo de letramento.

**PALAVRAS CHAVE:** educação, letramento, alfabetização, autonomia.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como objetivo descrever um trabalho de campo desenvolvido em uma escola pública quanto as atividades que são organizadas para a alfabetização dos alunos.

O trabalho faz uma análise do processo de alfabetização que está sendo realizado nas escolas públicas tomando como base da pesquisa uma escola da rede municipal de Uberlândia. Trata-se de um estudo de caso no qual teve a preocupação de identificar a relação que os professores das séries iniciais estabelecem entre teoria adquirida e prática no trabalho com turmas de alfabetização.

A alfabetização é um processo de construção social do conhecimento lógico, onde o indivíduo utiliza de meios práticos e habilidades instrumentais, geralmente, aprendidas na escola para resolver problemas da aprendizagem; que por sua vez remetem a um crescimento cognitivo. As habilidades referidas anteriormente, tratam-se das capacidades e conhecimentos que se interligam entre si, como: decodificação do código lingüístico (leitura), codificação do mesmo código lingüístico (escrita).

Pesquisas de diferentes áreas apontam os benefícios da Educação Infantil tanto pessoais, quanto educacionais, econômicos e sociais. Por sua vez, as novas configurações da família e do trabalho, no mundo contemporâneo, têm tornado a frequência das crianças à Educação Infantil uma necessidade do grupo familiar e da própria criança de diferentes contextos e classes sociais. Mesmo ocupando hoje um lugar importante na vida das crianças hoje, cabe ressaltar que uma instituição, por si só, não esgota a gama de necessidades de um ser humano e, ainda, que ela não é a solução para os problemas sociais, pois estes fogem do âmbito educacional, e nem para os educacionais, pois o Ensino Fundamental tem que buscar soluções para suas questões internamente. (CORSINO, 2007, p.4-5)

A escola é parte integrante da solução social da criança. Mas isto extrapola os objetivos deste trabalho, que ficará nas análises da alfabetização e do letramento das crianças e suas conseqüências.

## **DESENVOLVIMENTO**

De acordo com Luiz Carlos Cagliari, no Brasil, as pessoas passam em média 15 anos na escola, incluindo o ensino fundamental, médio e superior. No entanto, se um especialista em Língua Portuguesa fizer uma pesquisa séria para analisar o que o aluno aprendeu, ficará decepcionado. (CAGLIARI, 2000). Ao analisar o ensino da língua portuguesa, Cagliari conclui que “a escola não parte do conhecimento que a criança tem de sua fala e da fala de seus colegas para a partir daí ensinar o que deve”. Ela parte do abecedário e de uma fala completamente estranha à criança (CAGLIARI, 2000). De fato, ao analisar o trabalho das professoras do introdutório e de primeira série da E.M. Bom Sucesso<sup>1</sup>, percebe-se que as professoras de alfabetização sempre começavam pelo abecedário. Nas cinco turmas analisadas, sendo duas de introdutório e três de 1ª série, cem por cento dos alunos tinham em seus cadernos como primeiras lições, atividades usando o alfabeto e/ou vogais.

Ao questionar às professoras sobre como é que se iniciam o processo de alfabetização, quais são as primeiras atividades que se deve trabalhar com o aluno com a intenção de introduzi-lo na linguagem escrita, das cinco professoras entrevistadas, 60% responderam que se deve iniciar a alfabetização pela escrita do alfabeto e 40% pela escrita das vogais. A própria cartilha utilizada pela escola começa pelo alfabeto e pelas vogais. Isto comprova o distanciamento que a escola estabelece entre a linguagem falada (o conhecimento prévio do aluno) e a linguagem escrita. Para Cagliari, a escola deveria deixando as crianças escreverem

---

<sup>1</sup> Escola Municipal Bom Sucesso é um nome fictício usado para preservar a identidade da escola.

utilizando o conhecimento que elas tem dos usos das letras do alfabeto. Ou seja, deveria utilizar a diferença entre fala e escrita.

Soares (1996), ao definir os termos letramento e alfabetização, pontua que letramento é o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter apropriado-se da escrita. Ou seja, é um termo que tem consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas e lingüísticas. Já alfabetização apenas nomeia aquele que aprendeu a ler, mas não se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as praticas sociais que as demandam. A autora acrescenta que o letramento se faz necessário, pois “[...] não basta apenas saber ler e escrever, e preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente [...]” (SOARES, p.86).

Aprender a ler e a escrever demanda conhecer não só vários assuntos, mas saber registrá-los de formas socialmente legitimadas e valorizadas. A nossa tradição tem sido uma preocupação intensa com a mecânica da escrita, isto é, com a análise da língua e com o desenho e soletração das palavras, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. (GOULART, 2003)

Ao constatar o quão distante a escola se encontra da realidade social do aluno ( no caso das turmas de alfabetização, desconsiderando o conhecimento prévio que o aluno tem da língua portuguesa) percebemos que as instituições de ensino não trabalham no sentido de se alcançar o letramento, mas sim de apenas alfabetizar. Sendo assim, a escola acaba se tornando uma instituição vazia de significados para o aluno. E esta ausência de significados pode ser percebida na forma como os alunos se relacionam com as atividades propostas na escola. Todos os professores de introdutória e primeira série que foram entrevistados reclamaram da falta de atenção e interesse dos alunos em relação às atividades propostas. Aliás, na E.M. Bom Sucesso, as primeiras séries e introdutórios são conhecidas como as séries que mais possuem problemas de indisciplina e as séries que possuem os maiores índices de reprovação.

Segundo Paulo Freire (1981) o homem é o único ser que estabelece com a realidade relações de pluralidade, criticidade, consequência e temporalidade. Ou seja, é o único ser que responde aos desafios do mundo numa variedade e amplitude que foge dos tipos padronizados. É o único que capta os dados da realidade de forma crítica e não puramente faz reflexão, que atravessa o tempo alcançando o ontem, hoje e descobrindo o amanhã. E todas estas relações que o homem trava com sua realidade, fazem das relações algo consequente. Criando e recriando, o homem integra-se ao seu contexto, dinamizando o seu mundo.

Quanto à construção de conhecimentos das crianças, sejam eles relacionados ao convívio social ou às mais diversas informações do mundo físico, natural e social, as observações realçaram a importância do lugar das professoras. São elas que dão o tom ao trabalho, que selecionam e organizam textos e materiais, que reforçam ou não a capacidade crítica e a curiosidade das crianças, que as aproxima dos objetos e das situações, que acreditam ou não nas suas possibilidades, que buscam entender suas produções, que dão espaço para a produção de sentido, para fala, a expressão e a autonomia. (CORSINO, 2007, p.12)

Tem-se o conhecimento de que o ensino fundamental é a base para a alfabetização funcional e o acesso a informações lingüísticas e de comunicação necessárias para suprir as necessidades futuras da vida social destes alunos. Contudo, não é difícil constatar que os resultados do processo de ensino-aprendizagem ainda se mostram insuficientes; necessitando realizar um aprimoramento quanto à aquisição de leitura/escrita e letramento por parte do aluno. Assim, “grande parte das aprendizagens escolares depende da capacidade de processar informações escritas, verbais e numéricas, relacionando-as com imagens, gráficos, etc.” (RIBEIRO, Boletim INAF,2003).

Conforme escreve Antonio Batista e seus colaboradores (2005b), a aprendizagem depende do ritmo de desenvolvimento estabelecido pelo próprio aluno em consonância com o que o ambiente e/ou escola lhe oferecem. Podendo assim, ter “relativizadas e flexibilizadas” a sua introdução numa ou noutra série escolar; onde:

O aprendizado e a progressão da criança, entretanto, dependerão do processo por ela desenvolvido, do patamar em que ela se encontra e das possibilidades que o ambiente escolar lhe propiciará, em direção a avanços e expansões [...] tanto a faixa etária do aluno quanto a sua inserção num ou noutro ano do Ensino Fundamental precisam ser relativizados e flexibilizados, submetidos a critérios decisivos para o processo de aprendizagem, isto é, o desenvolvimento e aprendizado já conquistados na escola ou fora dela; o que a escola lhe oferece para seu progresso. (BATISTA, 2005b ,p.13)

Para Paulo Freire (1981), a educação é um ato criador que “[...] não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador”. Portanto, para que o ato de ler e escrever aconteça, e para que o processo de letramento ocorra, é necessário que o educando encontre significados nesse processo, é necessário que ele se reconheça como sujeito da aprendizagem. Nesse sentido, faz-se necessário as professoras das séries iniciais trabalhem de forma a promover a autonomia nas crianças através de atividades nas quais elas possam desempenhar tarefas por si próprias apenas com a orientação do professor.

Perguntando às professoras das séries iniciais da E.M. Bom Sucesso como eram realizadas as tarefas em sala. De acordo com as respostas, 60% das professoras entregam as atividades recortadas e coladas nos cadernos para as crianças, não permitindo que elas o façam. No Livro “Aprendendo o tempo de todos: como as crianças aprendem sem ser ensinadas” de John Holt (2006), o autor defende a idéia de que a criança deveria ser estimulada pelo professor, a buscar por conta própria o aprendizado da leitura e da escrita. Acreditamos que esse “buscar por conta própria” só é possível quando a autonomia é estimulada e exercitada nas mínimas situações.

Ao analisar, a forma como os professores da E.M. Bom Sucesso conduzem as atividades em sala de aula percebemos que a autonomia não é estimulada. Recortando as atividades e colocando-as nos cadernos para as crianças, os professores acabam por desperdiçar uma situação de aprendizagem, em que se estimularia o exercício da autonomia. No entanto, pudemos perceber, em conversas informais com os professores, que suas falas estavam empregadas dos novos conceitos em educação. No plano teórico todos os professores estavam bem munidos e a grande reclamação destes eram de que a prática em sala de aula era bem diferente da teoria. Ou seja, os docentes não eram capazes de estabelecer conexões entre a prática cotidiana e a teoria, tão difundida nos cursos de capacitação oferecidos pela Secretaria de Educação.

Batista (2005a), escreve que alfabetizar é um processo que vai além do “domínio das primeiras letras”, pois envolve a competência de saber utilizar a língua escrita; além de fazer uso da leitura para expressar suas idéias em várias situações. Ou seja, ser alfabetizado nos dias atuais significa ter a atitude e a capacidade de manusear / aplicar os conhecimentos adquiridos conforme o contexto social vivenciado.

O desenvolvimento dos trabalhos com a leitura e a escrita na alfabetização considera a participação em situações reais e significativas de leitura e de produção de texto.

A escrita deve ter significado para as crianças, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos que ela se desenvolverá não como um hábito de mão e dedos, mas como forma nova e complexa de linguagem (VYGOTSKY, 1991, p.134).

Sobre o papel da teoria Mizukami (1986, p.106) já afirmava que ele é, muitas vezes, limitado sendo insuficientes para explicar certos aspectos do fenômeno educativo. Entretanto a autora completa, que a teoria pode servir como guia ou fornecer elementos para reflexão.

Dá a necessidade de se estabelecer um diálogo entre a teoria e a prática, fato que não tem ocorrido na escola, nas séries iniciais.

## CONCLUSÃO

Levando em consideração os dados obtidos na E.M. Bom Sucesso, é possível chegar a duas conclusões: primeiro, no processo de alfabetização, o professor tem desconsiderado o conhecimento prévio do aluno; em segundo, o professor não tem estimulado o desenvolvimento da autonomia no educando. Considerando o levantamento dessas constatações como importante, pois a alfabetização da criança é a base para que ela possa lidar com a produção do conhecimento ao longo de toda a sua vida.

Quanto ao primeiro ponto que dispõe sobre a desconsideração do conhecimento prévio do aluno. Segundo Magda Soares (1986) o ensino da língua está sofrendo uma crise que é reflexo do rápido processo de democratização do ensino em que se privilegiou a quantidade de pessoas que tivessem acesso a escola em detrimento da qualidade do ensino. A autora defende que a escola, ao ampliar seu atendimento para as classes menos favorecidas, continuou utilizando-se da cultura e da linguagem das classes favorecidas. E estas linguagens são diferentes, até mesmo no aspecto cultural. Ou seja, a escola da periferia está muito distante da realidade de seus alunos. No entanto, Paulo Freire (1981) vem alertar que:

[...] Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por suas leituras críticas implica a percepção das relações entre o texto e o contexto [...].  
(FREIRE, 1981 P.11).

Paulo Freire ao proferir as palavras apresentadas acima estava referindo a alfabetização de jovens e adultos. Porém, pode-se entender que esta concepção pode ser ampliada para a concepção de alfabetização de crianças, pois a criança, ao entrar, na escola já possui um conhecimento prévio do mundo que deve ser considerado e trabalhado pelo professor no sentido de produzir conhecimento.

Quanto ao segundo ponto levantado em que se coloca a importância de desenvolver a autonomia no educando, Nidelcoff (1985) salienta que o professor deve fundamentar-se:

[...] numa visão de homem como ser histórico que se realiza no tempo. Crescer, portanto, significa ir se localizando com lucidez, no tempo e nas circunstâncias em que se vive, para chegar a ser verdadeiramente homem, isto é: indivíduo capaz de criar e transformar a realidade, em comunhão com seus semelhantes.  
(NIDELCOFF, 1985 p.7).

É importante a intervenção do educador e que fique atento ao processo de construção da alfabetização pelo educando, pois como Batista (2005b, p.41-42) advertiu; é preciso que o aluno compreenda realmente a função de segmentação dos espaços em branco e quanto a utilização da pontuação.

Na fala de todo dia, que é a que a criança domina, emendamos palavras deixamos de pronunciar algumas palavras ou partes de palavras mas escrevemos unidades de sentido quando escrevemos, grafamos as palavras “por inteiro”, de acordo com as convenções ortográficas, e as separamos nitidamente por espaços em branco. [...] Isso significa que as marcas que usamos na escrita para distinguir palavras, frases e seqüência de frases não são 'óbvias' nem 'naturais' são convenções sociais que precisam ser ensinadas e aprendidas na escola. (BATISTA 2005b, p.41-42).

Ou seja, não basta decodificar códigos (letras) é necessário que a criança saiba o que fazer com estes códigos, qual é a utilidade deles na sua vida prática e, principalmente, é necessário que se reconheça como sujeito ativo do processo de aquisição da linguagem.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes (a). *Organização Da Alfabetização No Ensino Fundamental De 9 Anos*. Coleção Instrumentos da Alfabetização, vol. 1. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_ (b), Antônio Augusto Gomes. *Capacidades Da Alfabetização*, Coleção Instrumentos da Alfabetização; vol.2. Belo Horizonte : Ceale/FaE/UFMG, 2005.

CORSINO, Patrícia. *Infância, Educação Infantil e Letramento na Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro: Das Políticas à Sala de Aula*. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt07/gt07499int.rtf>> acesso em 15/05/2009.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1981. Coleção Educação e Mudança vol. 1.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 1994. Coleção Questões da Nossa Época. 29ª ed.

GAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Lingüística*. São Paulo: Ed. Scipione, 2000.

GOULART, Cecília Maria A. *Letramento e Leitura da Literatura: Oralidade, Escrita e Letramento*. 2003. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/III/tetxt2.htm>>, acesso em 16/05/2009

HOLT, Jhon. *Aprendendo o Tempo Todo: Como as Crianças Aprendem Sem Ser Ensinadas*. Campinas, SP: Versos Editora, 2006.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: As Abordagens do Processo*. São Paulo: Ed. EPU, 1986.

NIDELCOFF, Maria Tereza. *A Escola e a Compreensão da Realidade*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985. 12ª ed.

RIBEIRO, Vera Masagão. *Sobre o Alfabetismo Funcional*. Instituto Paulo Montenegro/Inaf. São Paulo: SP, dez. 2007. Disponível em: <[http://www.ipm.org.br/ipmb\\_pagina.php?mpg=4.08.00.00.00&ver=por&q\\_edicao=inaf\\_004#4](http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.08.00.00.00&ver=por&q_edicao=inaf_004#4)>

SOARES, Magda Becker. *Letramento / Alfabetismo – Dicionário Crítico da Educação*. In: Revista Presença Pedagógica jul/ago 1996 v.2 n.10.

\_\_\_\_\_ *Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

VYGOTSKY, Lev. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 4a. Edição, 1991.

#### **Referencias do Artigo:**

MEDEIROS, Ana Cláudia Jacinto Peixoto de & PARREIRA JÚNIOR, Walteno Martins. As novas teorias da alfabetização nas series iniciais e a realidade cotidiana nas escolas: um estudo de caso. IN: TEIXEIRA, G. F. M. & MIRANDA, A. A. B. (Org.) Seminário Nacional O Uno e o Diverso Na Educação Escolar, X, 2009. Uberlândia(MG). **Anais do X uno e diverso na educação escolar**. UFU, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009, CD-ROM. ISBN: 978 -85-7078-215-1